

1. Primeira viagem da minha vida: Inter-rail pela Europa.

Eram 17 h quando comprei o bilhete de inter-rail. O coração pulsava de excitação e de medo.

Tinha 16 anos, o 9º ano, e não falava quase nada de inglês. Mas a tristeza de uma relação acabada, e a vontade de querer uma vida melhor, fez com que eu quisesse partir. Não tinha mapa ou planos, apenas o sonho de ser feliz.

Poucos acreditaram no meu sonho ou na minha coragem de partir de Portugal, com os poucos recursos económicos que tinha.

Eram 17.55 h quando entrei naquele comboio em Santa Apolónia, agora estava apavorado, o suor encharcava as minhas roupas, a incerteza do meu acto era óbvia, tinha tanto medo. O meu olhar deambulava por entre as caras desconhecidas, à procura de algum tipo de conforto. Às 18 h ouvi os primeiros ruídos das rodas das carruagens, lancei um último olhar pela janela do comboio, em género de despedida. Logo nos primeiros minutos de viagem, conheci outros que tinham partido também à procura do sonho. Aquelas caras desconhecidas depressa se tornaram em companheiros de viagem, as conversas eram abertas e despidas de preconceitos, os sorrisos eram soltos a todo o momento, deixando o ar cheio de energia positiva. Aquele medo que enchia o meu coração foi desaparecendo, sendo trocado por confiança. Mesmo conhecendo aquelas pessoas apenas a alguns minutos atrás, eu sentia uma enorme confiança neles. Agora ninguém me olhava de lado, todos me tratavam com respeito, ouviam as minhas palavras e talvez não tivessem as mesmas opiniões, mas isso não significava que não aceitassem as minhas idéias. Quando estamos no meio de desconhecidos, as palavras são mais soltas, o nosso coração desprende-se dos medos criados pela sociedade. Penso que é como estar no confessionário, dizemos tudo o que vai dentro de nós com a certeza que nenhuma das palavras que dissermos sairá daquele local. Quando conhecemos alguém em viagem é o mesmo, podemos dizer tudo o que vai na nossa alma, porque sabemos que, provavelmente nunca iremos ver essa pessoa de novo. Assim, fui deixando o meu coração desfazer-se dos meus medos, loucuras, amores e sonhos. Algumas horas depois conheci uma rapariga brasileira, que vivia na Holanda, tinha uns olhos cor de mel, a sua pele era cor de café e a sua voz era doce e meiga.

Quando chegámos a Paris decidimos conhecer a cidade juntos. Por dois dias e duas noites corremos as ruas desconhecidas, com a magia de não saber o que nos esperar na próxima esquina. Um espantoso monumento! Ou, uma pequena praça com uma atmosfera romântica.

Amámo-nos perdidamente, beijos foram dados no fervor da paixão, vivendo no nosso reino de fantasia. Por um instante o nosso corpo foi talhado numa só peça, eternizando aquele momento para sempre no nosso pensamento. Parti para a Holanda com um sorriso nos lábios, tinha conhecido Paris, a cidade do amor, com o meu "amor" ao lado. Não tinha sido um mau começo. Que mais poderia eu pedir?

Tudo o que sabia da Holanda era aquilo que tinha ouvido pela boca de outros, rua vermelha com as suas montras com mulheres expostas nelas e está claro os coffe shop. No momento que saímos da estação de comboios em Central station, uma rapariga veio ao nosso encontro.

- Olá, estão à procura de sítio para ficar?

Apesar de a minha amiga viver na Holanda, a sua casa era longe de Amesterdão, e como queríamos passar mais algum tempo juntos, decidimos aproveitar a ocasião.

- Sim, por favor.

Depois de meter as malas num pequeno quarto, que não ficava muito longe da estação, saímos pela cidade. Logo de princípio fiquei fascinado pela quantidade de bicicletas que estavam por todo o lado, pessoas de todas as idades percorriam a cidade nelas. Alguns de fato e gravata, para mim tudo aquilo era fantástico, e como se isso não bastasse, ainda havia os canais e neles barcos, não só barcos para transportar pessoas, também havia quem vivesse neles. As casas tinham janelas enormes, com as cortinas abertas deixando uma visão ampla de tudo o que se passava fora delas. Os meus olhos não podiam acreditar no que viam, era tudo tão diferente daquilo que eu tinha visto até aquele dia. Fomos a museus, tais como Madame Tssou, Anne Frank, entre outros, está claro que não podia deixar passar a oportunidade de ir à rua vermelha. Era verdade, havia mulheres com roupa interior dentro de montras, convidavam quem passava para terem sexo com elas. Havia uma diversidade enorme de raças e formatos e com um olhar mais atento, podia-se ver que, algumas, eram afinal alguns.

À noite desfrutámos da vida nocturna, de bar em bar, está claro que nenhuma visita a Amesterdão acaba sem ir a um coffe shop, mais uma vez fiquei abismado. Havia menus de diferentes tipos de marijuana e haxixe de toda a parte, Marrocos, Paquistão, Afeganistão, Índia, México... . E ainda havia os cogumelos mágicos, ácidos, bolos, chás, bolachas e outro número sem fim de drogas. Tudo era vendido atrás do balcão, com a maior das naturalidades. Para aqueles que eram novos nesse tipo de andanças, as pessoas atrás do balcão enrolavam os charros para eles. Quando saí do coffè shop, estava um pouco perdido, vendo o mundo de maneira diferente. Felizmente a minha amiga levou-me até a cama.

Apesar da companhia ser fabulosa, eu estava ansioso por partir, queria ver coisas novas. Assim despedi-me da minha amiga e uma vez mais parti naquela serpente de ferro, desta vez em direcção a Inglaterra.

Até aquele momento a língua não tinha sido um problema, isso porque tinha tido a ajuda de outros, agora tudo era diferente.

Tinha deixado Portugal com um velho dicionário e com um papel com algumas frases escritas por um amigo meu.

As frases eram: " onde posso encontrar um hotel barato?"

" quanto é ?"

" Sabe me dizer onde fica....."

Depois de ter passado o canal inglês de ferry e de mais algumas horas de comboio, tinha chegado ao coração de Londres.

Todo eu tremia, não de frio mas de medo, era quase de noite e eu não sabia como iria encontrar um quarto. Ali estava eu com o dicionário numa mão e o papel na outra, enchendo o peito de ar, dirigi-me à primeira pessoa, à segunda, à terceira, e, ou porque não me entendiam, ou porque não sabiam onde encontrar quartos baratos, fui ficando ali, com o dicionário numa mão e o papel na outra .Até que uma senhora disse-me o que fazer, em que sitio devia apanhar o autocarro e em que sitio devia sair. Entrei no autocarro com um sorriso, não por me sentir confiante, mas porque estava a entrar num desses autocarros vermelhos de dois andares que tinha visto tantas vezes na televisão, tinha desejado andar num deles desde criança, e ali estava eu.

Era uma rua comprida, com muitos hotéis baratos ou pelo menos os mais baratos de Londres, de certeza os piores frequentados, com putas, chulos e agarrados .O quarto era tão pequeno que não tinha espaço para esticar os braços ao comprido, para entrar nele tive de tirar a mochila das costas e literalmente encolher a barriga para passar entre a pequena abertura que havia entre a porta e a cama. Os lençóis estavam negros da sujidade acumulada, na casa de banho comum, podia-se ver as marcas dos pés, cravados na camada de surro que cobria o chão e paredes.

Deixei as coisas no quarto e saí pela noite, andava sem rumo admirando todas as coisas

novas que saltavam aos meus olhos, quando por sorte encontrei um conhecido de Portugal. Com ele a guiar o caminho, fomos para as discotecas londrinas, dançamos pela noite dentro até que o cansaço me levou de volta ao quarto.

No dia seguinte, com um pequeno mapa turístico que tinha encontrado, fui à descoberta de Londres, sempre a pé está claro, porque a pé era a única maneira de não gastar dinheiro, vi a ponte de Londres, o Big Ben, o Parlamento, entre muitos outros monumentos. Quando as minhas pernas já não aguentavam mais o cansaço e o estômago rosnava de fome, parava num parque, tirava o pão e o queijo e devorava a minha refeição. A dieta de pão e queijo era derivada ao pouco dinheiro que tinha, como também por ser a única coisa que sabia dizer correctamente em inglês. Na segunda noite decidi não ir para um quarto, por muito barato que fosse era sempre demasiado. Essa noite passei-a nas casas de banho das mulheres numa estação de metro. Escolhi as casas de banho das mulheres, porque era menos provável que a policia entrasse, tentei meter-me na posição mais confortável sobre a sanita, se me deitasse no chão alguém me podia ver, e tentei dormir. Acordei muitas vezes com barulhos e com dores de corpo, devido à posição em que estava. No outro dia, estava dorido e cansado, mas pelo menos não tinha gasto dinheiro.

O placard da estação dizia Edimburgo, era um nome que tinha ouvido antes. Sentado à frente da televisão, vi vezes sem conta o filme Brave Heart, o sonho de ser livre, de lutar pela liberdade.

A viagem foi linda, tudo era verde, com pequenas colinas cobertas de flores, com casas perdidas nas pradarias. Como não tinha mapas ou planos, a rota que seguia era apenas uma questão de sorte ou talvez fosse essa voz interior que me dizia para seguir o meu coração. A senhora que estava sentada ao meu lado, meteu conversa comigo.

- Para onde vais?

-Edimburgo – respondi.

- E depois?

- Não sei, sabe dizer-me algum sítio bonito para visitar?

Esse pequeno diálogo, demorou algum tempo, devido ao meu fraco inglês. Contudo ela foi paciente, esperava cada vez que eu procurava a próxima palavra, que queria dizer, no grande dicionário que me acompanhava a todos os momentos. Escreveu num papel nomes de lugares que eu devia visitar na Escócia e com o mesmo sorriso que nos acompanhou ao longo da viagem, desejou-me boa sorte e partiu.

Tinha dois casacos vestidos, mesmo assim sentia o frio da noite que chegava, procurei abrigo num dos muitos bares que revestiam as velhas ruas de Edimburgo. Os bares eram feitos de madeira dando-lhes um ar velho e acolhedor. Mesmo sendo apenas 18 h já havia muita gente dentro deles. Pedi a coisa mais barata e a única que tinha a certeza como dizer correctamente

- Beer, please.

Aquele meu ar perdido, fez com que um grupo de raparigas tomasse interesse em mim. O problema estava em entendê-las, se o meu inglês era mau o sotaque escocês não ajudava nada. Mas há certas linguagens que são internacionais. Depois de algumas, muitas cervejas acabei por dormir num jardim, encostado a um muro, por debaixo de umas plantas. Acordei com a máquina de cortar a relva a bater-me nas pernas e com o olhar abismado do seu condutor. As cervejas do dia anterior tinham feito com que não sentisse o frio que estava.

As raparigas tinham recomendado lugares de interesse que eu não devia perder enquanto estava ali. O castelo onde ouvi a história do meu herói na sua luta pela liberdade, as ruínas, as ruas, os homens que andavam nelas com saias (Kilt) a tocar gaita de foles. No final apenas vivi o meu sonho de ver, sentir, ouvir, tudo aquilo que eu um dia tinha sonhado. A noite veio, mais uma vez passei-a no bar, com as raparigas. Quando saí chovia, por isso fui para a estação, o frio foi esquecido pela companhia de uma rapariga.

O saco cama era de uma só pessoa, mas há sempre espaço para mais uma nessas noites frias da Escócia. De manhã parti para um dos locais que a senhora do comboio me tinha dito - Oban. Ficava a algumas horas de comboio, mas a beleza do interior escocês fez com que parecesse apenas minutos. A linha do comboio serpenteava ao longo da costa, passando por ruínas de casas e castelos medievais, o nevoeiro cortava as colinas ao meio enchendo o ar de magia. Oban era uma pequena aldeia do norte, ficava numa colina a olhar o mar. De onde um dia viera a maior parte do sustento da gente que lá vivia, agora eram menos aqueles que iam para o mar. O turismo dava mais dinheiro, com menos riscos.

Não havia quartos baratos em Oban e dormir na rua estava fora de questão com o frio que fazia. Mais uma vez o meu ar de perdido trouxe a sorte até mim.

-Estás à procura de sitio para dormir?

-Estou, mas não tenho muito dinheiro, e é tudo muito caro.

-Vem, vamos ver se consigo arranjar algo para ti.

Era um homem alto, de cabelos brancos, já com uma certa idade, que se tinha oferecido para me ajudar. Fomos a muitos sítios, ou estavam cheios ou eram demasiado caros, contudo aquele homem não desistiu de me ajudar. Acabámos dentro de um bar, onde havia uma festa, todos que estavam lá dentro conheciam aquele homem, inclusive a dona do bar. Ela, a pedido desse homem ofereceu-me um sítio para dormir, mas tinha de o partilhar com o seu irmão, já que esse era o seu quarto. Eu estava mais que feliz com isso. Sem saber como, tinha uma cerveja numa mão e pessoas a apertarem-me a outra. Tinha sido convidado para a festa.

Oban era uma vila pequena, com casas típicas do norte escocês, as pessoas eram simpáticas e acolhedoras vivendo devagar, apreciando o melhor da vida. Apesar de eu não os entender muito bem, o seu olhar era meigo, essas pessoas ensinaram-me a ver valores aos quais eu nunca antes tinha dado importância, foi com um aperto no coração que parti desse local.

No papel estava o nome de Sky, apesar de não ter a mínima idéia de onde ficava este local, estava ansioso por ir até lá. Oban tinha-me deixado cheio de energia positiva.

O comboio parou, pensei que seria ali aquele local chamado Sky, mas não havia nada naquele local, sem ser um velho cais.

Perguntei à primeira pessoa que passou -Sky?- apontando com o dedo para o chão.

Não entendi uma única palavra que saiu da sua boca, no entanto ela apontou para o cais, quando vi um ferry a aproximar-se conclui que teria de o apanhar apesar de estar completamente perdido, estava a adorar tudo aquilo. O mistério de não saber para onde ir, a curiosidade de ver onde o meu coração me iria levar.

A viagem de ferry não foi longa, no entanto encontrei o mesmo problema que antes, onde o ferry atracava não havia nada mais que uma velha estrada de terra batida. Não havia casas, ou estação de comboio, ou camionetas, nada, somente mato. Perguntei a rapariga que se encontrava ao meu lado

-Sabe me dizer se há comboios ou camionetas que partam daqui?

-Não, eu nunca estive aqui, mas penso que não.

Eu olhei novamente para a margem, com um olhar de desilusão cravado no meu rosto. Estava frio, a chuva ameaçava em começar em cair, com sorte tinha duas horas de luz até que a escuridão tomasse posse. A rapariga continuava ao meu lado, com um bebé nos seus braços, como que se sentisse o meu desespero, perguntou.

- Não sabias para onde vinhas?

- Não, aliás eu nem sei localizar este local no mapa.

Ela riu-se e disse - bem o meu marido esta lá fora, se quiseres podes vir connosco, levamos-te até a uma estação, se houver alguma.

-Sim por favor.

Este casal era do norte de Inglaterra, York, tinham uma velha carrinha volkswagen

amarela que era a sua casa de férias.

Quando nos estávamos a aproximar da carrinha vi o olhar espantado do seu marido quando me viu, ela explicou o que se passava e com um aperto de mão deu-me as boas vindas.

-São todos os portugueses loucos como tu, que andam sem destino?

- Eu não sabia o que dizer, mas mais uma vez a sua mulher sentindo a minha incerteza, veio em minha ajuda.

-Deixa-o falar, ele talvez se tenha esquecido que já fez o mesmo. Quando tinha 17 anos foi para França quase sem dinheiro, andando a vaguear pelas ruas por dois meses. Ele riu-se, lançando-me um olhar maldoso, disse.

-Os melhores dois meses da minha vida.

Não havia estação de comboios, em Sky, que vim a saber que era uma ilha. Convidaram-me a passar a noite com eles, deram-me comida, abrigo e no outro dia visitámos a ilha juntos. No final desse segundo dia, levaram-me até uma paragem de autocarros para que eu pudesse seguir viagem. Foi com as lágrimas nos olhos que lhes disse adeus, até aquele ponto da minha vida, não sabia o que era dar sem receber, tinham me ensinado a não confiar em desconhecidos. Até à poucas semanas atrás o meu mundo era feito de violência, dor, ódio e tristeza. Mas desde que tinha deixado aquela estação de Santa Apolónia, tudo o que me tinha acontecido mostrava o contrário. O mundo era cheio de beleza e de alegria. Se não tivesse confiado em desconhecidos, não teria chegado até ali. Sempre que necessitei de ajuda, houve alguém que estava lá para me dar a mão, pessoas que deram sem eu pedir. Era como se o mundo se conjugasse para que o meu sonho sobrevivesse às intempéries da vida. Não sabia a razão exacta pela qual chorava, estava a sentir algo inexplicável dentro de mim, como se o meu coração se tivesse aberto, deixando que um sentimento de pura beleza o invadisse. Esse casal talvez não soubesse, mas tinham-me dado o maior tesouro de toda a minha vida.

Foi com esse novo sentimento que parti para a Irlanda.

Era já noite quando o ferry deixou a costa inglesa, mesmo antes de embarcar, tinha conhecido um rapaz escocês, o seu sotaque era tão forte que eu apenas entendia uns 5% do que dizia. Desses 5% entendi que gostava de beber, fomos ao duty free e comprámos uma caixa de cerveja. Quanto mais cerveja bebia, mais o entendia. Quando cheguei à Irlanda estava perdido de bêbado, no entanto ele estava morto. Literalmente tive de o carregar às costas para a sala de desembarque, onde vim a conhecer quatro raparigas da Suíça.

Foi na companhia das raparigas, que vim a descobrir a existência de hotéis para jovens que viajam pela Europa. Os preços não eram muito elevados, e eu bem precisava de um banho. Havia cozinha, o que era muito bom, estava farto de comer pão com queijo. Dormíamos em dormitórios com certa de 20 camas, para mim era como estar num palacete, depois das últimas semanas.

Saímos pelas ruas de Belfast, corremos os mercados, feiras, monumentos e outros sítios de interesse. Quando a noite caía, íamos para os bares que eram às dezenas, num sítio chamado Templar. Adorava aquele ambiente dos bares Irlandeses, todos feitos de madeira com a música ao vivo a dar um clima de alegria. Verdade seja dita, que a cerveja ajudava a manter essa alegria.

Decidi ficar três dias em Belfast, mas só tinha pago dois dias no hotel. Os quartos tinham um código de entrada que eu já sabia qual era, e havia sempre camas vazias. Pensei, se viesse tarde, apenas tinha de escolher uma cama vaga.

Nessa noite num bar conheci uma rapariga brasileira, também ela tinha pouco dinheiro e não tinha sítio para dormir nessa noite.

Disse-lhe acerca do meu plano e que talvez ela pudesse fazer o mesmo. Mais tarde nessa noite fomos para o hotel, tudo correu como eu tinha planeado sem nenhum

problema para entrar no quarto. Havia quatro camas vagas, saltamos nelas confiando que teríamos uma noite grátis. Infelizmente algumas horas depois, fomos acordados por quatro rapazes, que reclamavam que essas eram as suas camas. Felizmente estavam tão bêbados, que não entenderam o que se passava. Vendo o seu estado, saltei para a cama da brasileira e dois dos rapazes dormiram na mesma cama.

No outro dia sai bem cedo, não só porque tinha de apanhar o comboio mas também, não queria ter de explicar-lhes a razão pela qual estava na sua cama. Seguiram-se dois dias de viagem, que me levaram a Paris. No tempo que passei em comboios e barcos pensei no que era a minha vida, violência, medo, raiva, dor e solidão era o meu mundo antes de ter embarcado nesta viagem. E agora, novos sentimentos tinham nascido em mim, e levavam-me para um oposto tão grande. Eu agora sentia-me mais forte, não fisicamente mas mentalmente, agora não tinha de usar os punhos para sobreviver no meu pequeno mundo. No entanto, nesse grande mundo que descobria a cada dia, eu só tinha de usar a minha mente, e mais importante, o meu coração. Agora eu vivia num grande mundo, que muitos tremiam apenas de pensar em aventurar-se nele. Agora eu sentia alegria, agora eu sentia liberdade, agora eu sabia o que era a felicidade.

Olhei à minha volta, apreciando a estação de Paris. Tudo estava na mesma desde a última vez que tinha ali estado. No entanto tudo tinha mudado. Aproximei-me das informações perguntando qual era o primeiro comboio a partir em direcção ao leste - Praga era o destino.

Ficava na República Checa. Nunca tinha ouvido esse nome, por isso nesse mesmo segundo decidi que iria para lá. Ao passar a fronteira da Alemanha com a República Checa, a polícia entrou a bordo, pedindo os passaportes. Isso era uma novidade, não das boas, eu apenas tinha o bilhete de identidade, até aí eu não tinha necessitado mais que isso. Os polícias que me abordaram disseram que teria de sair na próxima paragem, o bilhete de identidade não era suficiente. Teria de apanhar o primeiro comboio de volta para a Alemanha. Eles fizeram questão de sair comigo, por várias vezes disseram que tinha de apanhar o primeiro comboio que passasse em direcção à Alemanha. Eu dava o sinal afirmativo, que fazia o que eles ordenavam. Assim eles meteram-se noutra comboio e desapareceram.

Depois de muitas horas de viagem, de 5 países, de muitas aventuras, a sorte não estava do meu lado. Olhei para a placa que estava na estação, tinha 13 letras, eu nem sequer conseguia começar a ler o nome daquele local. A única coisa que sabia era que estava no lado checo da fronteira, pensei no que iria fazer. Entrar num país sem passaporte podia-me arranjar grandes problemas, e no final eu nem sabia para onde ia. Seria igual ir para a Alemanha. O comboio não vinha, e as dúvidas cresciam. Não havia problema em ir para outro país, mas o facto de alguém me ter dito, que não podia ir a algum lado, fazia com que eu quisesse ir. Disse para mim mesmo - se não apanhar este comboio posso apanhar outro mais tarde.

- A polícia fiscaliza os comboios, talvez possa apanhar uma camioneta. Andei até a vila para ver se conseguia alguma informação. Quando me aproximei de um grupo de três homens para perguntar se havia camionetas para Praga, uma pequena multidão cercou-me.

-Falam inglês?

Um homem já de alguma idade disse:

-Sim.

Falou cerca de 10 minutos, sempre com um sorriso nos lábios, no entanto a única palavra que disse em inglês foi hotel.

Dei-lhe um enorme sorriso, agradecendo a sua ajuda, como de todos aqueles que estavam ao seu redor, e fui na direcção do sitio que ele tinha apontado quando disse a palavra hotel. Tinha aprendido a ouvir o meu coração, e por algum motivo ele disse que eu devia ficar. Na recepção do hotel foi por mímica que acordámos o preço do quarto,

aquele sitio era tão barato que me dei ao luxo de ir ao único restaurante da vila. Como eu não os entendia e tão pouco eles a mim, tudo era dito por mímica e por uma linguagem de olhares.

Depois de 3 dias a vaguear pela vila, travando conversas mudas com os locais, entendi o que eles me estavam a dizer.

Se eu apanhasse um comboio, que não fosse internacional, não haveria policia a bordo, assim podia ir até Praga.

Com a ajuda do homem com quem tinha falado no primeiro dia, apanhei um comboio, sem ter a mínima ideia para onde ia.

Suspeitava que ia em direcção a Praga, mas era apenas isso, uma suspeita. Na verdade eu não me importava para onde ia, eu adorava aquela sensação de não saber onde era a chegada.

O comboio estava quase vazio quando entrei e assim continuou por toda a viagem, quando cheguei à última paragem vim a descobrir que ainda não era ali o meu destino final. Havia mais um comboio para apanhar. Nesse último comboio havia muito mais gente, infelizmente também a policia estava a bordo, desta vez apenas pedindo o passaporte a algumas pessoas.

Felizmente eu não fui uma delas.

Assim cheguei a Praga, para muitos considerada a Veneza do leste, e sem dúvida que a sua beleza deixou-me de boca aberta. Passei dois dias na descoberta de Praga, com dois outros rapazes alemães.

Os seus monumentos são fenomenais, como também as suas mulheres.

Em Praga dormi numa escola primária, que tinha sido adaptada para acolher viajantes pobres como eu.

Havia umas camas espalhadas pelo o que deveria ser o ginásio e o pequeno-almoço estava incluído na estadia.

Para além de ser muito barato, era um bom sitio para conhecer outros viajantes, ouvir histórias, e ter uma ideia de que destino seguir.

Eu tentava viajar de noite sempre que podia, era uma maneira de não gastar dinheiro em dormidas. Não posso dizer que era confortável dormir no comboio, já que quase todos eles estavam cheios, assim muitas vezes os únicos sítios para esticar o corpo era no corredor onde pessoas passavam por cima de nós pela noite fora e pisadelas eram frequentes. Fui para a Áustria pela mesma razão, que tinha ido para a Republica Checa, nenhuma. Mas senti uma grande diferença em relação aos preços, tudo era muito caro. Arranjei um desses mapas turísticos e tentei ver tudo o que podia no menor tempo possível. Utilizei o metro para me mover na grande cidade de Viena, como nunca tinha pago o metro em Portugal, não estava a pensar em pagar na Áustria.

Tudo estava a correr às mil maravilhas, até que dois pica bilhetes entraram no metro, com pouco tempo para pensar, decidi utilizar a minha técnica do não entendo.

- O seu bilhete - pediram eles.

- Bilhete - disse eu esticando a mão, dando a entender que queria comprar um bilhete.

-O seu bilhete - repetiram eles, agora com um ar mais sério.

-Bilhete - disse eu com um sorriso nos lábios.

Esta conversação manteve-se por uma hora ou mais, fora do metro, mas dentro da estação. Depois de todo esse tempo a fazerem as mesmas perguntas, em diversas línguas eles cansaram-se, e mandaram-me embora. Nessa noite fui de bar em bar, com uns rapazes que tinha conhecido, as horas passaram e a cerveja escorregava cada vez melhor.

O caminho para o hotel onde ia passar a noite foi difícil e quando encontrei o sitio foi só para descobrir que estava fechado.

Assim, fui até ao parque mais próximo e deitei-me num banco para dormir.

Sempre que eu dormia na rua tinha o hábito de dormir com duas facas, uma em cada

mão, com as mãos debaixo dos sovacos. Nessa noite acordei com um barulho de duas pessoas a aproximarem-se, mantive os olhos fechados até ao exacto momento que eles estavam à minha frente. Com um movimento rápido levantei-me empunhando as facas ao pescoço de..... dois polícias. Com um sorriso amarelo, voltei a meter as facas debaixo dos braços, os polícias olharam-me e disseram.

-Nós viemos para avisar-te que este local é perigoso, mas vemos que tu já sabes isso.

Com a sorte em baixo de forma, decidi deixar a Áustria, não tanto pela sorte mas mais pelo custo de vida.

A este ponto da viagem eu estava um pouco farto de ver monumentos, igrejas, palácios, castelos, pontes e outros "montes de pedras". Não que eu não gostasse, mas estava muito mais interessado nas pessoas, em sentimentos, no verdadeiro povo. Além de que, depois de ver uns 40 castelos, 50 igrejas e não sei mais quantos sítios históricos, começava a ser difícil ganhar interesse para ver fosse o que fosse.

O que eu gostava em viajar, era a incerteza, onde dormir, que rota tomar, que pessoas iria conhecer e que outros sentimentos iriam despertar em mim.

Foi uma viagem curta da Áustria até à Suíça. As raparigas Suíças que tinha conhecido na Irlanda falaram-me num sitio que não devia perder - Interlaken. É uma pequena vila encravada nos alpes Suíços rodeada por montanhas e lagos, pelo menos era o que elas tinham dito. Mal cheguei a Zurique apanhei o primeiro comboio para lá, não tinha interesse em ficar na cidade. No caminho para lá o comboio parou, muita gente que estava no comboio em que seguia passava para um outro comboio numa outra linha. Sem saber porquê peguei na mochila e corri para o outro comboio, era verdade eu queria ir para Interlaken, mas naquele momento o meu coração falou mais alto. Não havia nenhuma lógica no meu acto, mas isso não interessava.

Quando o pica bilhetes me perguntou qual era o meu destino, olhei-lhe nos olhos e perguntei,

- Para onde vai esse comboio?

Com um sorriso ele disse -Zurique.

- Então é para onde eu vou.

Na verdade eu não queria voltar a Zurique, mas queria saber qual era a razão pela qual o meu coração tinha-me levado até ali.

Não demorou muito para descobrir. Das poucas coisas que sabia da Suíça, era os seus famosos chocolates, tinha visto muitas vezes os reclames de chocolates, em especial no natal, onde um comboio atravessava uma montanha cheia de neve.

Na minha visão de criança isso era como um truque de magia, algo fenomenal.

Pois esse mesmo comboio que tinha apanhado sem aparente razão, tinha-me levado até aos meus sonhos de criança.

Escalando as montanhas, viajando à beira de precipícios, entranhando-se num túnel que perfurava a montanha coberta de neve.

Dormi na estação de comboios em Zurique, e parti novamente em direcção a Interlaken no dia seguinte.

Interlaken era tal como me tinham dito, lagos e montanhas, o sol brilhava, a beleza do local espalhava alegria.

Quis ir até ao topo da montanha onde vi dezenas de pessoas a irei e virem, havia um teleférico, contudo, a solução mais barata era andar.

Além disso como poderia sentir a montanha sem andar nela, sem cheirar as flores em que nela nasciam, sem ouvir a água que corria nas suas ribeiras. Quando cheguei ao topo, vi uma cascata gelada ao fundo e apaixonei-me por essa visão, vi a distância que tinha que percorrer e pensei que ir e vir iria demorar duas, três horas no máximo.

Comecei por descer uma colina de uns 150 metros e quando cheguei ao fundo descobri que não era terra que picava mas sim gelo. Ao princípio pensei que fosse um vale, mas era um glaciar, tinha de caminhar sobre gelo.

Depois de duas horas tentando não cair nos buracos que se tinham aberto no gelo devido à temperatura do sol, ainda não tinha chegado à cascata. Começava a entender porque é que era a única pessoa a ir àquele local tão bonito. Os últimos 500 m eram feitos de gelo muito fino, pensei, para viver o sonho há que estar vivo. Além disso, tinha atravessado um glaciador com o gelo a derreter-se debaixo dos meus pés, tendo por panorama as montanhas cheias de neve a rodearem-me. Tinha visto a cascata de perto e ainda não tinha partido nenhum osso do meu corpo, não podia pedir mais nada.

Voltei para a vila, chegando quase de noite, nesse dia tinha caminhado durante 13 horas, o cansaço e o frio fez com que procurasse rapidamente um sítio para dormir. Encontrei abrigo na parte detrás de uns restaurantes, sendo apenas incomodado pelos homens do lixo, que muito amigavelmente me pediram que me levantasse para que pudessem tirar os contentores.

Por muito que eu gostasse da Suíça o custo de vida era muito elevado, as noites eram muito frias, fazendo com que eu acordasse gelado a meio das noites e não pudesse dormir mais.

Decidi partir para onde o sol brilhasse, onde as temperaturas fossem mais amenas, e o custo de vida mais barato.

Infelizmente no inter-rail nem sempre os comboios vão directos para onde gostaríamos de ir, por vezes há que ficar em sítios no meio do nada à espera de um outro comboio.

Dormir no chão da estação não é muito mau, pelo menos há um tecto para nos proteger.

Mas quando a estação fecha e o único sítio é a rua aí é diferente, procurar abrigo pela noite, com o cansaço, o frio, às vezes à chuva faz com que a nossa vontade seja derrubada. Por vezes o único sítio que encontrava para dormir era debaixo dos carros, onde era invisível para os ladrões e tinha um pouco de protecção contra a chuva e o frio.

Eu nunca pensei que viver na rua era mau, para mim viver nas ruas era um modo de aprender, fazia com que eu entendesse aqueles em que nelas viam a sua casa.

No comboio em direcção à Itália, conheci um rapaz do Canadá e uma rapariga do México, também eles se tinham conhecido no comboio, íamos em direcção a Veneza. Tinha ouvido muito acerca de Itália, em especial de Veneza, com os seus canais.

Estava a 9 dias do final da minha viagem, Itália seria talvez o meu último destino antes de voltar para Portugal. Podia gastar um pouco mais de dinheiro, assim alugámos um quarto, eu e os meus novos companheiros de viagem.

Veneza é sem dúvida uma cidade de romance, com os seus canais, pontes e praças. Com as gôndolas e os seus gôndoleiros a cantarem serenatas. Os carros deram vez aos barcos, as praças, especialmente a praça de S. Marcos estava rodeada de cafés, onde música clássica ao vivo enchia a atmosfera de uma magia contemporânea.

Centenas de pessoas reuniam-se nas praças, uns para beber café, outros para apreciar a arquitectura, outros para apreciar aquela atmosfera. Eu tirava as três bolas que tinha comigo e fazia malabarismo, o dinheiro que ganhava não era muito, mas pelo menos era uma boa maneira de conhecer pessoas.

Alugámos uma gôndola para os três, e percorremos os canais de Veneza da maneira mais típica de todas. Não foi tão romântico como eu tinha pensado, mas pelo menos havia uma mulher a bordo.

Mais tarde eu e o rapaz do Canadá fomos para Roma, a rapariga foi em direcção ao leste. Apesar de estar um pouco farto de monumentos, Roma é uma cidade monumento. Estar aqui significava que tinha de ver alguns dos mais importantes monumentos da nossa história.

Roma é uma cidade enorme, percorrê-la a pé demorou três dias. O monumento que gostei mais de visitar foi sem dúvida o Coliseu de Roma. É um monumento impressionante, com as suas galerias, palcos e caminhos subterrâneos. Teria sido um monumento espantoso se fosse criado no século vinte, mas ter sido criado à mais de 2000 anos, é para lá das palavras.

- "Quem vai a Roma tem de ver o Papa".

Bem, no meu caso não tinha interesse em ver o Papa, no entanto os fantásticos monumentos do Vaticano são algo que não se deve perder, mesmo que não se seja um adepto da religião. Em especial o seu museu, com todos os seus artefactos, tubas, quadros, esculturas e outro sem fim de relíquias, as pinturas de Miguel Ângelo na capela cestina foram para mim uma das mais impressionantes visões. Sentado no chão da capela, deixei os meus olhos deambularem pelos frescos durante horas, até o meu pescoço não poder mais. Saí de Roma em direcção ao norte, encostado à costa oeste Italiana, mais uma vez escolhi parar numa capital da arte - Florença. Sem dúvida que a arte aqui está visível em todos os cantos, com as esculturas de Miguel Ângelo mais uma vez a marcarem presença, como Pisa estava só a hora e meia de Florença fui até lá, mais uma vez arte foi o ponto forte

Foi ao entrar no comboio em Florença que conheci uma rapariga do Canadá, conversámos ao longo da viagem até que tivemos de mudar de comboio. Como o próximo comboio demorava algumas horas fomos até um restaurante e pelo caminho conhecemos mais duas raparigas, que também se juntaram a nós.

O nosso comboio saía de noite, faria a viagem até França e lá teríamos de mudar de novo de comboio em direcção a Espanha.

As raparigas tinham reservado camas, eu como sempre dormi onde podia, que nessa noite por sorte foi nos bancos. Quando acordei, senti um arrepio na espinha, pela primeira vez desde que tinha começado esta viagem tinha-me esquecido de pôr a mochila dos documentos debaixo da cabeça. Levantei-me à procura, os meus olhos buscavam conforto na visão da minha mochila, mas o mesmo arrepio agora espalhava-se por todo o meu corpo dizendo-me o pior. Tinha sido roubado, todo o meu dinheiro, cartões e bilhete de identidade, a única coisa que tinha era a mochila da roupa.

Não tinha muito tempo para pensar no que iria fazer, o próximo comboio estava já de saída, sem pensar saltei para o outro comboio. Procurei um sítio para me esconder, sabia que o pica bilhetes iria aparecer mais cedo ou mais tarde. O único sitio que encontrei foi debaixo dos bancos, onde viajei por três horas e como havia pessoas sentadas nos bancos onde me escondia, não me podia mexer, fazendo desta viagem um pesadelo. Mas pelo menos tinha chegado até Barcelona, onde voltei a encontrar as raparigas. Só aí entendi verdadeiramente a gravidade da minha situação. No entanto eu não podia deixar de sorrir, dentro de mim havia uma erupção de alegria que não conseguia explicar.

- Porque estás tão feliz - perguntou-me a rapariga do Canadá.

- Não sei, mas nunca senti nada assim em toda a minha vida.

- Mas roubaram-te tudo.

- É verdade, roubaram-me tudo de material, mas não me roubaram o sonho, os sentimentos, a alegria de viver e de ser livre.

Pela primeira vez eu sentia aquele sentimento que dominava o meu corpo. A felicidade era tanta que lágrimas começaram a cair, era como se tivesse um nó no estômago e na garganta.

Pela primeira vez eu estava completo.

As raparigas foram incríveis, apesar de não terem muito, fizeram questão de me ajudar com algum dinheiro. Algum desse dinheiro utilizei numa chamada telefónica para a minha mãe dizendo o que se tinha passado, para que ela não se preocupasse que eu iria arranjar maneira de voltar mesmo que isso demorasse algum tempo. Eu sabia que poderia ir à embaixada Portuguesa e pedir ajuda mas isso era demasiado fácil.

Foi na companhia da rapariga do Canadá que entrei no comboio em direcção a Madrid. Infelizmente nesse comboio não havia espaço para me esconder debaixo dos assentos. Com uma rápida vista de olhos descobri o único sitio onde poderia encontrar refúgio, o sitio para pôr as bagagens. Deitei-me e com a ajuda da minha amiga cobri-me de malas.

Se a viagem de França para Espanha tinha sido um pesadelo agora estava no inferno.

Como se não bastasse ter barras de ferro debaixo das costas, ainda tinha de levar com as mochilas em cima. Numa ocasião as mochilas eram tão pesadas que um gemido denunciou-me, agarrando a atenção de um casal. Os seus olhos esbugalhados de admiração recaíram sobre o monte de malas, e os seus queixos caíram ao ver a minha cara no meio delas. Felizmente o seu sorriso indicou-me que eles não me iriam denunciar, dessa maneira consegui chegar até Madrid.

Em Madrid disse adeus à rapariga do Canadá enquanto corria para o comboio, que partia em direcção a Lisboa, mas com toda aquela correria, não tinha tido tempo para descobrir um local para me esconder. O comboio já estava em movimento quando encontrei um sitio. O plano era, sempre que o pica bilhetes viesse, eu abria a porta agarrando-me à parte de fora do comboio, esperava que ele passasse e voltava a entrar. Era arriscado, em especial num comboio de alta velocidade, no entanto o plano resultou por várias vezes apesar de numa delas quase ter caído. Mas o cansaço de dois dias quase sem dormir, fez com que eu adormecesse, acordando com o pica bilhetes à minha frente.

- O seu bilhete por favor.- Perguntou ele com um ar arrogante, sabendo que se eu tivesse um, estaria sentado e não no corredor. Levantei-me procurando na mochila, fingindo que tentava descobrir o meu bilhete.

- Alguém me roubou a carteira - disse alto com um ar de espantado, mas não resultou. Na próxima paragem tive de sair na companhia de dois polícias, eles fizeram algumas perguntas e depois de verem que eu não era um ilegal deram-me a escolher, ou ia ao consulado ou tentava pedir boleia até Lisboa. Estava agora na fronteira entre Portugal e Espanha.

Os policiaos eram uns gajos bacanos, deixaram-me à beira da estrada, onde vários camiões passavam em direcção a Portugal. Passaram 6 h até alguém parar, mas quando o fizeram tive a sorte de eles irem para Lisboa, deixando-me no Campo Grande. Quando meti a mão ao bolso, tirei o pouco dinheiro que tinha, que era a quantia exacta para o bilhete de autocarro até aos Bons Dias.

Eu estava de volta ao conhecido, tinha voltado para onde tinha nascido, amigos e família. No entanto, o meu pensamento e coração estavam longe. Não queria voltar a ser a mesma pessoa que tinha sido antes, com toda aquela violência, dor e raiva. Eu gostava dos sentimentos que tinha experimentado, não queria que eles fossem apenas vagas recordações, queria fazer com que eles fizessem parte de todos os dias da minha vida.

O meu pai disse-me uma vez,.... - " alegria e felicidade eram apenas momentâneos, era impossível estar sempre feliz".

Talvez ele tivesse razão, mas eu queria tentar ter mais, não me conformava em seguir os outros, ser mais uma ovelha que segue o rebanho. Desde criança que ouvira uma cassette, que um tio meu tinha gravado, nela ele recitava poemas.

Alguns que ele tinha feito, outros de outros poetas.

Entre eles estava um poema de António Régio, intitulado Cântico Negro. Ouvi esse poema centenas, se não milhares de vezes, até que eu e o poema transformámo-nos num só.

"..... - Se às perguntas que faço, vocês não me dão resposta, porque me dizeis vós, vai por aqui ?.....

..... -Não, não vou por aí. Só vou para onde me levarem os meus próprios passos.....

.....não sei para onde vou,não sei para onde vou, só sei que não vou por aí.

Eu queria ir para onde me levassem os meus próprios passos, queria sonhar sem limites. E fazer dos meus sonhos a realidade da minha vida. Comecei a trabalhar na montagem de exposições de antiguidades, assim que tivesse dinheiro iria partir, só tinha de descobrir para onde.

Eu e três amigos vínhamos de uma noite do bairro Alto, quando três gajos tentaram roubar um dos meus amigos.

Sem a menor hesitação fui a sua ajuda, eu estava habituado a lutar e sabia que poderia enfrentá-los sem dificuldade. Infelizmente não eram só três, mas sim dezasseis, toda a minha loucura, toda a minha força, pouco pode fazer para pará-los. No meio de toda aquela confusão de pontapés e socos, vi uma faca a vir na minha direcção, com um movimento rápido, movi o meu braço para impedir que a faca me atingisse. O movimento tinha sido demasiado rápido, a faca não tinha penetrado no corpo, mas sim no meu braço esquerdo. A luta foi quebrada pela polícia a paisana, que vim a descobrir mais tarde, estava a seguir o grupo.

Três carros pararam ruidosamente, saíndo policíias com armas em punho, apanhando os dezasseis agressores. Todos os tendões do meu braço esquerdo tinham sido cortados, foi necessário duas operações e 2 meses de recuperação. Não foi ter levado a facada que me entristeceu, ou as dores físicas, o que realmente me doeu, foi ter voltado ao passado.

"- Olho por olho, dente por dente"

As viagens não estavam esquecidas, mas a vingança estava no meu sangue, dia após dia procurava os meus agressores. Andava na rua com catana, facas e armas de fogo. Violência traz violência, sangue traz sangue, morte chama a morte. Foram os meus amigos que mais uma vez me chamaram à razão, amigos que eram e são a minha família.

- Não podes viver assim meu amigo, a morte irá encontrar-te mais cedo ou mais tarde.

Eu sabia que isso era verdade, que um dia seria a minha vez, mas eu não tinha medo da morte e isso fazia-me cego para a realidade da vida. Um dia disse que iria partir, não tinha muito dinheiro, mas não podia viver mais daquela maneira. O meu coração estava dorido da dor, cheio de sentimentos negros, a minha mente estava esgotada de pensamentos que levavam à tristeza.

Antigamente tudo isso era normal, mas agora eu sabia que havia mais.

Comprei o bilhete para o Reino Unido, iria partir dentro de duas semanas, não sabia onde trabalhar ou onde procurar casa. Tinha escolhido o Reino Unido porque queria aprender a falar inglês correctamente. Sempre que sonhei, o mundo juntou energias para que pudesse realizar esse mesmo sonho.

Uma amiga minha deu-me o contacto do seu irmão que vivia no Reino Unido, no sítio onde ele trabalhava estavam a precisar de uma pessoa. Assim lá fui eu para a pequena ilha de Guernsey, no canal inglês.

Comecei a trabalhar como empregado de balcão num restaurante chinês e cocktail bar, o meu inglês continuava a ser muito mau, mas como gostava do trabalho fui aprendendo depressa. Além disso o meu inglês melhorava bastante, com um pouco de álcool e falando com raparigas inglesas. Estava a viver com um outro rapaz português, num pequeno quarto.

O quarto tinha duas camas, um lavatório e um armário, a casa de banho era comum com o resto das pessoas que viviam no prédio. O rapaz que vivia comigo era simpático, mas tinha algumas complicações com a polícia, que fez com que eu tivesse de o tirar da cadeia algumas vezes. Penso que o seu passado na heroína não ajudava. Além de trabalhar no bar chinês, também trabalhei num bar japonês e numa discoteca a encher os

frigoríficos e a limpar as casas de banho.

Tinha trabalhado seis meses em Guernsey quando comecei a sentir uma vontade incontrolável de partir. Aquela ilha tinha-se tornado demasiado pequena, queria ver e aprender coisas novas. Foi numa tarde, com uma caneca de cerveja defronte a nós, que decidimos partir, eu e o rapaz que vivia comigo. Tínhamos decidido que iríamos para um local onde o sol brilhasse. Um amigo meu tinha-me dito que Tenerife era bom sítio para passar férias, pensei, se é um bom sítio para férias, melhor será para viver. Saímos do bar em direcção à agência de viagens, onde comprámos os bilhetes para a semana seguinte.

Foi no mapa mundo que estava exposto na parede da agência de viagens que descobrimos onde ficava Tenerife.